

**MEMÓRIA E PROTEÇÃO À NATUREZA:  
OS LUGARES DE MEMÓRIA PARA HOMENAGEAR HENRIQUE  
LUIZ ROESSLER**

*MEMORY AND PROTECTION TO NATURE:*

*THE SITES OF MEMORY TO HONOR HENRIQUE LUIZ ROESSLER*

*Elenita Malta Pereira<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a edificação de lugares de memória para homenagear Henrique Luiz Roessler. Construídos para evocar a memória de um personagem que atuou pela proteção à natureza no Rio Grande do Sul, nos anos 1930-60, nem sempre eles conseguem cumprir sua função. Através da análise desses lugares de memória, é possível perceber como ocorreu a patrimonialização de Roessler nas cidades onde viveu e trabalhou e como esses lugares colaboram na consolidação de uma determinada memória sobre ele, após seu falecimento.

**Palavras-chave:** Henrique Luiz Roessler. Lugares de memória. Proteção à natureza.

**Abstract:** This article aims to analyze the building of places of memory to honor Henrique Luiz Roessler. Built to evoke the memory of a personage that acted for protection to nature in Rio Grande do Sul, in the years 1930-60, they can't always fulfill its function. Through analysis of these places of memory, it's possible perceive how the patrimonialization of Roessler occurred in cities where he lived and worked and how these places cooperate in the consolidation of a particular memory about him after his death.

**Key words:** Henrique Luiz Roessler. Places of memory. Protection to nature.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## INTRODUÇÃO

Henrique Luiz Roessler (1896-1963) é um importante personagem para a história da proteção à natureza no Rio Grande do Sul. Nascido em Porto Alegre, mudou-se ainda na infância com a família para São Leopoldo, cidade situada a 27 km da Capital e que faz parte do Vale do Rio dos Sinos. Roessler manteve uma atuação contínua na região durante cerca de vinte e cinco anos, através de cargos públicos federais e da criação da primeira entidade não governamental de proteção à natureza no Estado.

Em 1939, Roessler foi nomeado Delegado Florestal, cargo que fazia parte da polícia organizada pelo Serviço Florestal para dar cumprimento ao primeiro Código Florestal brasileiro (BRASIL. Decreto-Lei 23.793, 23/01/1934). A partir de 1944, acumulou a função de Fiscal de Caça e Pesca, assumindo a responsabilidade de aplicar os Códigos de Caça (BRASIL. Decreto-Lei nº 5.894, 20/10/1943) e de Pesca (BRASIL. Decreto-Lei nº 794, 19/10/1939). Ao fiscal cabia orientar caçadores e pescadores, e, quando havia desobediência às leis, ele possuía autoridade para autuar e multar os contraventores, o que motivou uma série de conflitos<sup>2</sup>. Ambos os cargos eram vinculados ao Ministério da Agricultura e Roessler os exercia sem receber remuneração. No final de 1954, foi afastado das funções de fiscalização; já no início de 1955, fundou a União Protetora da Natureza (UPN). Como único presidente da entidade, confeccionou e distribuiu panfletos educativos de cunho ambiental, bem como proferiu palestras sobre os problemas ambientais vivenciados em seu contexto. No jornal *Correio do Povo*, manteve uma coluna semanal de fevereiro de 1957 até seu falecimento, em novembro de 1963, espaço onde publicou cerca de 300 crônicas sobre temáticas ambientais.

Toda essa intensa atuação antes do surgimento de movimentos ecológicos conferiu a Roessler uma memória póstuma extremamente positiva. Mesmo os conflitos motivados pela rigorosa fiscalização da caça não provocaram memórias negativas a seu respeito. Entrei em contato com pessoas que participaram de alguns desses conflitos, que poderiam guardar algum ressentimento, mas a maioria já faleceu, e seus descendentes não se lembram daqueles episódios.

Roessler foi homenageado pela cidade de São Leopoldo, ainda em vida, com a medalha “Honra ao Mérito” e, depois de sua morte, através de artigos, livros, depoimentos e da construção de uma série de “lugares de memória” na região de

---

<sup>2</sup> Entre os principais conflitos, destaco os motivados pela “passarinhada”, prática cultural muito difundida nas cidades que receberam colonização de grupos italianos. Para aprofundar o assunto, ver Pereira e Weber (2012).

Porto Alegre e Vale do Rio dos Sinos. Em minha dissertação de mestrado, uma biografia histórica de Roessler defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (PEREIRA, 2011), um dos objetivos propostos foi compreender como se deu a construção de memórias a seu respeito e por quais agentes. Desde os anos 1970, membros de entidades ecologistas, políticos, jornalistas e representantes de órgãos públicos vêm construindo sua memória como “pioneiro da ecologia” no Estado. Neste artigo, enfoco os “lugares” edificadas para evocar a memória sobre Roessler, em Porto Alegre e na região do Vale do Rio dos Sinos, locais onde ele morou e desempenhou as funções de Delegado Florestal e de Fiscal de Caça e Pesca, atuou como presidente da UPN e publicou seus artigos, tornando-se uma pessoa bastante conhecida no Estado, nos anos 1950-60<sup>3</sup>.

Analiso, nesse sentido, os seguintes lugares: Parque Henrique Luiz Roessler (PARCÃO), em Novo Hamburgo; Praça Henrique Luiz Roessler, em Porto Alegre; Placa na Praça 20 de setembro, em São Leopoldo; Mata Henrique Luiz Roessler, em São Leopoldo; Fepam (Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler), em Porto Alegre; Monumento instalado no Parque Imperatriz Leopoldina, em São Leopoldo.

Na primeira parte do artigo, abordo o conceito cunhado por Pierre Nora e em que sentido ele se adequou à pesquisa. Em seguida, apresento os principais lugares de memória dedicados a Roessler, o contexto que possibilitou suas construções e justificativas para tal. Ao fim, concluo o texto, tecendo considerações sobre a eficácia desses lugares em provocar recordações sobre o personagem.

## OS LUGARES DE MEMÓRIA

No dia 16 de novembro de 2009, dia do Rio dos Sinos<sup>4</sup>, em que se completavam 113 anos do nascimento de Roessler, fui a São Leopoldo para assistir a uma atividade da “Semana Roessler”, evento organizado pela prefeitura da cidade no Parque Imperatriz Leopoldina. O que me interessava era a apresentação da proposta do “Monumento em Homenagem a Henrique Luiz Roessler, pelo escultor Walter Frasson”.

---

<sup>3</sup> Os documentos aqui citados foram pesquisados nos seguintes arquivos: APAC - Arquivo Privado de Augusto Carneiro (Porto Alegre-RS); APKS - Arquivo Privado de Kurt Schmeling (Novo Hamburgo-RS); APHR - Arquivo Privado de Henrique Roessler (São Leopoldo-RS); MVSL - Museu Visconde de São Leopoldo (São Leopoldo-RS).

<sup>4</sup> O dia do Rio dos Sinos foi instituído pela Lei Municipal nº 4.222, de 03/04/1996. No Art. 1º da Lei consta: “O dia do Rio dos Sinos será comemorado no dia dezesseis (16) de novembro de cada ano - data de aniversário de Henrique Luis Roessler, pioneiro do ambientalismo no Brasil [sic]”. (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO, Lei Municipal nº 4.222, Online).

Frasson levou um desenho da obra que planejava realizar. A peça seria esculpida em pedra (basalto ou gres), com pintura à prova de pichação e deveria ser instalada na entrada do Parque Imperatriz Leopoldina, de frente para a avenida de mesmo nome, para que pudesse ser vista por todos que por ali passassem. Frasson afirmou ter pesquisado sobre a vida de Roessler e que pretendia colocar vários aspectos de sua luta no painel, como o combate à poluição dos rios e à caça de passarinhos, ao desmatamento, etc. No Parque Imperatriz Leopoldina, divulgou-se a construção de um jardim botânico, um Mirante, um Trapiche elevado em meio à vegetação e uma Concha Acústica; foi proposta também a construção do Museu do Rio dos Sinos, para “mostrar os aspectos naturais e culturais do Sinos. Uma forma de revermos a história de São Leopoldo que nasceu e se desenvolveu pelo rio”<sup>5</sup>.

Parece haver uma tendência de monumentalização de espaços ligados à natureza em São Leopoldo, especialmente da memória do Rio dos Sinos, no projeto do museu, e do ambientalismo, na escultura a Roessler. Poderíamos questionar: se o rio está na cidade todos os dias, para quê construir um museu alusivo a ele? E qual o sentido de construir um grande monumento a Roessler? Na tentativa de entender esses processos, lanço mão do conceito de “lugares de memória”, formulado por Pierre Nora.

Para Nora (1993, p. 22), a razão fundamental de ser de um lugar de memória é “parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento”. O lugar de memória reúne três aspectos principais: é material, por seu conteúdo demográfico; funcional, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; simbólico, porque caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno grupo uma maioria que deles não participou.

Segundo Nora (1993, p. 7), “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais (...). Há locais de memória porque não há mais meios de memória”. Transpondo essa afirmação para meu caso de estudo, há poucas pessoas vivas que tenham compartilhado lembranças com Roessler (que tenham convivido com ele em algum grupo, no sentido de Halbwachs, 2006), assim como não há mais o contexto, a época (linguagem, ideias que circulavam no momento, objetos, crenças, etc) em que Roessler viveu. Por isso, fazem-se necessários lugares (monumentos, praças, parques, ruas e até um dia) para provocar a lembrança – que não será a recordação do vivido (impossível), mas uma memória construída através dos significados contidos nesses locais. No caso

---

<sup>5</sup> Justificativa apresentada pelos organizadores do projeto (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO. *Online*).

do Rio dos Sinos, com toda a poluição que foi despejada em seu leito ao longo do tempo, o próprio rio está morrendo, por isso a necessidade de um museu.

Um aspecto a considerar também é que as lembranças podem voltar à nossa mente através de imagens. Halbwachs cita seu primeiro mestre, Bergson, para tratar do “reconhecimento por imagens” (HALBWACHS, 2006, p. 55), entendido como o procedimento de ligação da imagem de um objeto (pessoa, paisagem, etc), vista ou evocada, a outras imagens que, juntas, formam uma espécie de quadro. Para nos lembrarmos de alguém, é necessário reunir várias lembranças parciais, ligar inúmeras recordações. Os lugares de memória podem ajudar nesse processo, pois propiciam uma reunião de informações que é preparada para que a coletividade se lembre de algo, ou de alguém.

A própria realização de *Les lieux de mémoire* coincidiu com a obsessão comemorativa que habitou a França depois do bicentenário da Revolução Francesa, momento de patrimonialização de um passado que alimentava o amor pela pátria. Nesse processo, a ruptura presente-passado foi consumada, o passado se autonomizou e se transformou em patrimônio.

Valensi (1995) percebe um paradoxo na obra organizada por Nora: o inventário dos lugares era parte do diagnóstico do desaparecimento acelerado da memória nacional, mas no final do percurso, o autor é forçado a constatar que o sentimento nacional toma hoje em dia o simbólico para modo de expressão, e que o passado aparece agora mais como refúgio da identidade (VALENSI, 1995, p. 1273). A autora reconhece a importância da obra, que propõe novos objetos à história política e reúne ensaios notáveis, que dialogam entre si e se completam para fazer uma arqueologia dos símbolos nacionais na França, ou seja, a história das transformações dos seus usos sociais (VALENSI, 1995, p. 1276).

Uma questão que emerge em Valensi (1995, p. 1276), também presente em Nora (1994, p. 188), é tema de uma das perguntas ao próprio historiador, em entrevista à revista *História Social* (BREFE, 1999, p. 30): a problemática dos lugares de memória pode ser utilizada para a análise de processos comemorativos em outros países, ou somente no caso da França? O criador do conceito respondeu que, inicialmente, pensou que a expressão “lieux de mémoire” (intraduzível na maior parte das línguas) “seria muito pouco exportável” (BREFE, 1999, p. 31), porém admitiu ter-se enganado, porque “a grande onda memorial pela qual a França passava, em meados dos anos 80, não lhe era particular”.

Essa “onda de memória” também atinge o Brasil. Diversas cidades têm protagonizado iniciativas de preservação de suas memórias. O caso da memória de Roessler é uma dessas iniciativas.

## LUGARES DE MEMÓRIA PARA ROESSLER

A primeira homenagem concedida a Roessler foi a “Medalha Honra ao Mérito”, que ele recebeu em vida, em 1953, ano da institucionalização do prêmio em nível municipal. A medalha [de ouro] deveria ser

conferida, anualmente, em solenidade pública, ao cidadão leopoldense ou ao vinculado à vida do município, que, através de um passado de renúncia, abnegação, devotamento e exemplar conduta em prol do bem público e do mais elevado conceito da coletividade se tenha evidenciado, acima do simples cumprimento de seus deveres, como paradigma de inteireza moral digna de ser imitada e seguida, e como tal for considerado merecedor de tão eminente distinção (SÃO LEOPOLDO. *Jornal Oficial do Município de São Leopoldo*, 15/08/1953, APHR).

No texto da lei, é possível perceber os critérios utilizados para justificar a honraria: a pessoa escolhida deveria ter um “passado de renúncia”, “abnegação”, “devotamento”, o que a tornava um exemplo a ser seguido pela coletividade. Por isso, a descrição indica que Roessler era muito bem conceituado entre a comunidade leopoldense. Sua contribuição para a cidade, segundo o *Jornal Oficial do Município*, ultrapassava a atuação pela proteção da natureza, atingindo uma conduta exemplar “em prol do bem público”.

Após sua morte, Roessler recebeu várias homenagens. Analisarei em ordem cronológica, conforme a constituição dos “lugares de memória” a ele dedicados.

Em 1974, junto à comemoração do sesquicentenário da imigração alemã, em 21 de setembro, uma placa de bronze foi colocada na Praça 20 de Setembro, no centro de São Leopoldo, em sua memória. A iniciativa para essa homenagem partiu da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, núcleo de São Leopoldo (AGAPAN-NL) e da Comissão Municipal do Sesquicentenário. Aliou-se uma comemoração étnica muito significativa para a região, os 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães, com uma homenagem a Roessler - descendente de alemães -, o que revelava a importância de sua figura na vida da cidade.

Em uma carta enviada pelos presidentes da AGAPAN-NL e da Comissão, convidando para “a cerimônia de homenagem póstuma”, quando a placa seria afixada, consta a justificativa para a solenidade:

Henrique Luiz Roessler, cidadão leopoldense, é na atualidade considerado o símbolo do amor e da luta pela natureza em nosso Estado. Durante sua vida não só pregou a defesa dos animais, plantas e belezas ecológicas, através de reportagens, palestras e publicações, como combateu pessoalmente os contraventores de nossas leis protecionistas (LEAL, MOEHLECKE, 09/09/1974, APKS).

Um dia antes da colocação da placa, o editor do *Correio do Povo Rural (CPR)* saudou o evento como

uma justíssima homenagem prestada ao cidadão que tanto defendeu a fauna rio-grandense. Sem apoio e sem recursos, Roessler trabalhou sozinho como um verdadeiro *apóstolo* que era. (...) Uma morte súbita levou-o muito cedo, mas seu nome ficou como *pioneiro* na defesa da desventurada fauna rio-grandense (...). Roessler foi um paladino protetor da terra em que nasceu. Fez jus à homenagem póstuma que agora lhe é conferida [grifos meus] (GONÇALVES. *CPR*. 20/07/74, MVSL).

Em 20 de setembro de 1979 (novamente na data comemorativa da imigração alemã e próxima ao dia da árvore), a Lei municipal nº 2.037 de São Leopoldo instituiu um novo lugar de memória para Roessler, estabelecendo que uma “área central da cidade, passava a denominar-se PARQUE MUNICIPAL HENRIQUE LUIZ ROESSLER” (SÃO LEOPOLDO. Lei Municipal nº 2.037, 20/09/1979). Este local é mais conhecido na cidade como “Matinho Padre Réus”, pois fica próximo ao Santuário do Sagrado Coração de Jesus (Bairro Padre Réus), centro de peregrinação religiosa de fieis. Só este detalhe já denota um esquecimento do nome de Roessler na memória do bairro, no entanto, além disso, por ser uma área com árvores nativas (mato fechado), já ocorreram muitos assaltos à população ali. Numa reportagem de 2001, consta que “a grande quantidade de capoeira, lixo e o estado precário de conservação se tornam um esconderijo perfeito para vândalos, andarilhos e assaltantes” (JORNAL VS. 27/11/2001, APAC). Em 2009, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semman) de São Leopoldo assumiu um compromisso com o poder judiciário de transformar o Parque Municipal Henrique Luiz Roessler em unidade de conservação ambiental, a exemplo do Parque Municipal Imperatriz Leopoldina. A área deveria receber proteção do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (VS *Online*. Edição de 23/03/2009).

Estive no local, em agosto de 2010, e dois fatos me chamaram a atenção: primeiro, trata-se de uma quadra totalmente cercada, não é permitido entrar no local e, na quadra ao lado, havia muitas árvores derrubadas, com os troncos na calçada; segundo, não há qualquer placa indicativa do local onde conste o nome de Roessler; na verdade, não é um parque, e sim, uma área fechada com árvores no seu interior. A



homenagem, neste caso, não contém nenhum sentido simbólico, e também não cumpre a função de motivar a lembrança sobre nosso personagem.



**Figura 1 - Parque Henrique Luiz Roessler, São Leopoldo-RS. Foto da autora, 24/08/2010.**

O primeiro lugar de memória material para Roessler em Porto Alegre foi uma praça, localizada em frente à sede do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), órgão vinculado ao Ministério da Agricultura, extinto em 1989, e substituído, no mesmo ano, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), no Bairro Cidade Baixa, entre as ruas Baronesa do Gravataí, Miguel Teixeira e Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto. No projeto de lei redigido pelo vereador de Porto Alegre, o ecologista Caio Lustosa (membro da AGAPAN Porto Alegre), em 09 de setembro de 1985, consta a exposição de motivos, propondo o nome de Roessler para a praça:

Henrique Luiz Roessler, *já na metade do século*, quando o movimento ecologista no Brasil era inexistente, soube questionar formas predatórias do homem contra a natureza. (...) Mesmo sendo, muitas vezes, incompreendido e até agredido, criou grupo de colaboradores, fundou entidades conservacionistas e escreveu nos jornais da época, divulgando, assim, sua luta. Hoje, o Movimento Ecologista vê nele o *“Pioneiro do Ecologismo”* [grifos meus] (LUSTOSA, 09/09/1985, APAC).

A homenagem seria uma espécie de reparação, já que ele fora *“incompreendido”* e *“agredido”* em vida. A aprovação saiu em 22 de outubro de 1985. No ano seguinte, foi colocada uma placa em homenagem a Roessler, na praça de mesmo nome, na *“Festa das Árvores de 1986”*. Para custear a placa, foi organizada uma



“lista de contribuição” (APAC) entre os sócios da AGAPAN. Entretanto, ela foi roubada algum tempo depois (não especificado), segundo anotação no verso da lista.

O livro organizado pela AGAPAN em 1986 também pode ser considerado um lugar de memória, pois foi editado para difundir a obra de Roessler, para que todos pudessem conhecer seus escritos (ROESSLER, 1986, Contracapa). Ele é apresentado, no prefácio, como “uma figura imensa, de espírito naturalista por iniciativa e pensamento próprios, numa época em que não havia literatura nem propaganda nem discussão como há hoje” (ROESSLER, 1986, p. 8). Augusto Carneiro, um dos fundadores da entidade, foi um dos organizadores das crônicas presentes no livro, e responsável por sua edição e publicação. Em 2009, Carneiro recebeu homenagem pelos 38 anos da AGAPAN, quando foi destacado que “entre os grandes feitos da sua carreira de ecologista, foi o grande divulgador da figura e da obra pioneira de Roessler (...) sem o trabalho editorial meticuloso do Carneiro, certamente o nome de Roessler hoje estaria esquecido” (CARNEIRO E A MEMÓRIA DE ROESSLER. *Online*).

No processo de construção das memórias relativas ao personagem, foi tão importante a publicação de suas crônicas em livro, que ela pode ter colaborado para a instituição de outro lugar de memória, um parque em Novo Hamburgo. Segundo Rückert (2007, p. 37), a ideia para o parque surgiu a partir do trabalho acadêmico de uma estudante de Arquitetura, Jussara Kley, desenvolvido em 1985, que propunha o aproveitamento da área, na época pertencente à Paquetá Empreendimentos Imobiliários, para fins de preservação ambiental e lazer. O projeto foi apresentado aos vereadores da cidade; entidades da região (UPAN e Movimento Roessler) e pessoas simpáticas à ideia formaram o chamado “grupo do parque”, que começou a reivindicar, através de “caminhadas ecológicas”, que esse fosse concretizado. O grupo, através da Fundação Pró-Parque, conseguiu pressionar o poder público municipal a desapropriar o local, assumindo “o compromisso de fazer da área um espaço de lazer e de preservação ambiental” (RÜCKERT, 2007, p. 40).

O Parque Henrique Luiz Roessler foi criado oficialmente em abril de 1990 (NOVO HAMBURGO. Lei Municipal nº 20/90). No “Histórico” que acompanha o projeto-de-lei nr 20/10L/90, assinado pelo vereador Adonar Camanga Schmidt (PMDB), consta uma reprodução parcial do texto da contracapa de *O Rio Grande do Sul e a Ecologia*. Lançado em 1986, o livro pode ter influenciado na escolha do nome de Roessler para o parque, assim como a pressão das entidades que o elegeram como patrono, União Protetora do Ambiente Natural (UPAN), de São Leopoldo e Movimento Roessler, de Novo Hamburgo. É interessante observar que o local já era conhecido como “Parcão” e, mesmo com a legalização sob o nome de Roessler, continuou sendo chamado pela denominação anterior.



**Figura 2 - Entrada do Parque Henrique Luiz Roessler, em Novo Hamburgo. Foto da autora, 18/06/2009.**

Visitei o local em 18 de junho de 2009 e, logo na entrada, surpreendi-me com uma grande placa, onde estava escrito “Parcão”; apenas adentrando no parque visualizei uma folha tamanho A4 plastificada, onde se encontravam impressas as regras para utilização do “Parque Henrique Luís Roessler” (escrito Luís, e não Luiz). Ocorre aí uma significativa dialética de memória e esquecimento: a intenção do lugar, de homenagear Roessler, parece não passar de uma formalidade legal, pois na prática (sancionada pelo poder público através do totem), os habitantes de Novo Hamburgo chamam o local de “Parcão”, o que denota o esquecimento atuando nas memórias sobre Roessler. O costume venceu, pois o nome comum para a comunidade é “Parcão”<sup>6</sup>.

Talvez o lugar de memória de maior projeção para Roessler seja a Fepam, criada em 1990, pela Lei Estadual nº 9.077, para ser “a instituição responsável pelo licenciamento ambiental no Rio Grande do Sul. Desde 1999, a Fepam é vinculada à Secretaria Estadual do Meio Ambiente – SEMA”<sup>7</sup>. A partir de 29 de maio de 1991, através da Lei 9.261, passou a chamar-se FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO

---

<sup>6</sup> Em contato telefônico, funcionária da Prefeitura de Novo Hamburgo relatou-me a existência de um projeto de revitalização do parque, com o objetivo de conservar a área e, ao mesmo tempo, disponibilizar parte dela à sociedade para o lazer. Várias obras serão realizadas e uma placa com o nome de Roessler, na entrada, está prevista, mas não há data definida para isso ocorrer.

<sup>7</sup> Licença ambiental é um instrumento para proteção dos ecossistemas e melhoria da qualidade ambiental, consistindo na obrigação de prévia autorização dos órgãos ambientais para a implantação e operação de atividades potencialmente poluidoras (na prática, as principais atividades econômicas e sociais dependem

AMBIENTAL HENRIQUE LUIZ ROESSLER. Em dois *folders* de divulgação da Fepam, a foto de Roessler está presente, ao lado de um pequeno texto informativo. Num deles, justifica-se que, como reconhecimento por ter sido “um dos pioneiros das causas ambientais no Rio Grande do Sul”, ter escrito e publicado “centenas de artigos e propostas de ações que visavam a uma melhor qualidade de vida para todos em nosso Estado”, foi escolhido “Patrono da Fepam” (FEPAM. Folder, APAC).

Roessler recebeu, “*in memoriam*”, o Prêmio CREA-RJ de Meio Ambiente – 2001. A neta Maria Luiza representou-o na cerimônia de entrega, no Rio de Janeiro. O prêmio “expressa o reconhecimento às pessoas e entidades que tenham se distinguido por suas ações, posições e projetos na luta pela preservação, defesa e/ou conservação do meio ambiente” (ASSIS. 14/11/2001, APAC). Na quarta edição do prêmio, foram homenageados, além de Roessler, a senadora Marina Silva, jornalistas que trabalham com temas ambientais, entre outros. Na ocasião, ele foi lembrado como “primeiro grande ecologista brasileiro” (ECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO, APAC).

Em 2010, foi instituído também um prêmio com seu nome, o Mérito Ambiental Henrique Luiz Roessler. A Revista *Ecologia e Meio Ambiente* afirma que “a ideia de realizar o Prêmio Mérito Ambiental Henrique Luiz Roessler é reconhecer e parabenizar empresas, as quais executam uma produção consciente em favor de um desenvolvimento sustentável” (BALCÃO AMBIENTAL. Online). O prêmio é promovido pela revista *Ecologia & Meio Ambiente* com apoio da SEMA e da Fepam. O número da revista que noticiou a primeira edição do prêmio - bem como o portal eletrônico “Balcão Ambiental” - apresentava fotos e textos sobre os ganhadores, no entanto, em nenhum momento explicava quem foi Roessler. Seu nome aparecia apenas no nome da honraria, mas não havia justificativa para tal. Já na apresentação da terceira edição passaram a constar algumas informações sobre nosso personagem, justificando o motivo do seu nome no prêmio:

---

hoje de licenciamento). O licenciamento não é apenas a emissão de um documento, mas uma série de atividades complexas que abrange, entre outros, a análise técnica preliminar, a abertura de espaços e promoção do debate público e a fiscalização posterior do atendimento aos termos da licença ambiental (FEPAM. *Online*).

O nome do Prêmio é uma homenagem ao heróico defensor do meio ambiente, Henrique Luiz Roessler, um dos precursores da proteção ambiental no Brasil. Combateu diversas atividades como pesca predatória, ações de madeireiros, derrubada de matas nativas e caça clandestina, sempre procurando alertar sobre os impactos ao meio ambiente com denúncias na imprensa, numa época em que pouco se comentava sobre o assunto. Fundou, em 1955, a primeira entidade de luta em defesa da natureza do Brasil, a União Protetora da Natureza, criando uma nova consciência no Estado que serviu de inspiração para várias ONGs e órgãos do poder público, sendo considerado o grande pioneiro do ambientalismo no Rio Grande do Sul (BALCÃO AMBIENTAL. *Online*).

O prêmio significa uma homenagem a Roessler pelo caráter precursor e pioneiro de sua atuação. Na cerimônia de entrega da segunda edição do prêmio, em julho de 2011, a neta Maria Luiza recebeu um troféu “in memoriam” para Roessler.

Ainda há outros lugares de memória para lembrar de Roessler, os quais vou somente mencionar, pois não tive acesso à justificativa para sua criação: Rua no Bairro São José, em São Leopoldo (Lei Municipal nº 1.775, de 28/08/1974); Revista Roessleria (lançada em 21 de setembro de 1977 – dia da árvore – editada pela Secretaria de Agricultura do Governo do Estado); Ponte da Integração Henrique Luiz Roessler, em São Leopoldo (Lei Municipal nº 4.418, de 15/10/1977). Visitei a rua e a ponte. Na primeira, num bairro de periferia da cidade, consta uma plaquinha “Luiz Roessler”, que era como a comunidade o chamava. Já na ponte, não há qualquer placa indicando a homenagem. De qualquer forma, é uma maneira ineficaz de homenageá-lo, pois uma ponte de concreto não é capaz de evocar algum símbolo sobre a proteção à natureza.

Em outubro de 2011, foi inaugurado o monumento de que falei no início do artigo. Visitei o local em janeiro de 2012. Instalado na entrada do Parque Imperatriz Leopoldina, em São Leopoldo, trata-se de um painel, esculpido em bronze, fixado em um pedestal de concreto e pedras. Nele, foram entalhados, além da imagem de Roessler, diversos elementos da sua atuação protecionista. No painel, estão presentes os principais elementos naturais defendidos por Roessler: as florestas, os passarinhos, o rio e os animais em geral. No canto inferior direito, uma funda e uma arma estão representadas, instrumentos que ele tanto condenou por causarem a morte dos passarinhos. No centro, o rio e o próprio Roessler. A frase entalhada é emblemática pela combatividade que encerra: “Defendamos a natureza”, que foi o título de uma palestra que ele proferiu para as alunas da Escola Fundação Evangélica (Novo Hamburgo), em 1957<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Um estudo sobre a retórica utilizada por Roessler, a partir da análise dessa palestra pode ser encontrado em Pereira (2010).





Figura 3 - Monumento a Henrique Roessler, em São Leopoldo. Foto da autora, 20/01/2012.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os lugares construídos para homenagear Roessler, após seu falecimento, têm o objetivo de frear o esquecimento sobre sua figura, no entanto, isso não tem sido alcançado. O caso mais emblemático, parece-me, é o parque em Novo Hamburgo, em cuja entrada consta o nome popular “Parcão”, e não “Parque Henrique Luiz Roessler”, denominação oficial. Em São Leopoldo, dois desses lugares também não cumprem sua função: é difícil que uma ponte de concreto simbolize algo sobre proteção à natureza, além de não constar placa com o nome do homenageado; também o parque municipal que leva o nome de Roessler é chamado pela comunidade de “Matinho Padre Réus”, porque fica próximo ao santuário em homenagem ao religioso, e não há qualquer referência a Roessler no local. Dessa forma, esses lugares de memória dedicados a Roessler, com intenção de vigiar sua memória, não conseguem vencer os costumes locais (a denominação popular dos dois parques), o que resulta no esquecimento de sua figura.

Acredito que a existência de tantos “lugares de memória” para Roessler se deva ao que Nora chama de “vigilância comemorativa” (1993, p. 13). Lugares são criados/construídos para lembrar Roessler, porque há sempre a ameaça do esquecimento. Segundo Ricoeur, a memória cristalizada e refugiada nos lugares “trata-se de uma ‘memória dilacerada’, cujo dilaceramento não é, na verdade, tão completo

que a referência à memória possa ser apagada. (...) O lugar extrai sua função da ruptura e da perda” (RICOEUR, 2007, p. 415-16). É preciso que praças, parques, monumentos, textos, etc, provoquem a lembrança de Roessler periodicamente, para bloquear o esquecimento. Nem sempre esse objetivo é alcançado, como vimos, entretanto os agentes seguem vigilantes, pois este cuidado é fundamental para o enquadramento dessas memórias.

Essa vigilância deve ter motivado a construção do monumento instalado no Parque Imperatriz Leopoldina, em São Leopoldo, cidade onde Roessler atuou mais intensamente. Como lugar de memória, esse monumento, comparando com os anteriores mencionados aqui, é o que cumpre mais eficientemente sua função. Arrisco dizer que é o melhor e mais completo local para incentivar a lembrança de Roessler. É capaz de evocar a memória dos principais aspectos de sua atuação pela proteção da natureza, além de ser esteticamente muito bonito.

Cabe ressaltar que a análise dos lugares de memória, bem como da documentação que fundamentou a biografia de Roessler escrita por mim, não revelou conflitos em torno de sua memória. A atuação tão intensa do personagem pela proteção à natureza foi avaliada, especialmente após sua morte, no *boom* da ecologia nos anos 1970, de forma extremamente positiva.

A maioria dos lugares de memória edificadas para Roessler não são suficientes para frear o esquecimento sobre sua figura. No entanto, nesse ponto, ocorre uma tensão interessante, realmente confirmando que memória e esquecimento não são opostos, e sim aliados, ou melhor, uma é condição para o outro (e vice-versa). Nem sempre o esquecimento é negativo, pois sua ameaça faz com que os agentes permaneçam vigilantes, publicando novos textos e construindo novos lugares para provocar a lembrança de Roessler.

## **FONTES**

### **Documentos de Arquivos**

ASSIS. José Chacon de. Ofício n 118/2001-SGE a Maria Luiza Roessler. Rio de Janeiro, 14/11/2001 (APAC).

ECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO. Crea/RJ dá prêmio ambiental. Rio de Janeiro, 2002 (APAC).

FEPAM. *O patrono da Fepam*. Folder Educação ambiental – 1, 2004 (APAC).

GONÇALVES, Paulo Annes. Henrique Luiz Roessler. *CPR*. Porto Alegre, 20/07/74 (MVSL).

LEAL, MOEHLECKE. Carta convidando para homenagem a Roessler. São Leopoldo, 09/09/1974 (APKS).



LUSTOSA, Caio. Exposição de motivos para Projeto de Lei nº 105/85. Ofício da Câmara Municipal de Porto Alegre, 09/09/1985 (APAC).

LISTA DE CONTRIBUIÇÃO para a placa em homenagem a Henrique Luiz Roessler. Porto alegre, S/data (APAC).

JORNAL VS. Mata Henrique Roessler vira cenário de terror. São Leopoldo, 27/11/2001 (APAC).

SÃO LEOPOLDO. Lei municipal nº 433 (24/07/1953). Institui a Medalha Honra ao Mérito. *Jornal Oficial do Município de São Leopoldo*, 15/08/1953 (APHR).

### Internet

BALCÃO AMBIENTAL. Prêmio Mérito Ambiental Henrique Luiz Roessler. Disponível em: <<http://www.balcaoambiental.com.br/?p=premio>>. Acesso em: 28/12/2010.

BRASIL. **Decreto n. 23.793, de 23/01/1934. Código Florestal.** Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/D23793.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D23793.htm)>. Acesso em 28 dez. 2010.

BRASIL. Decreto-Lei nº 794, de 19 de outubro de 1938. Código de Pesca. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=23799>>.

Acesso em 30 de dezembro de 2010.

BRASIL. Decreto-Lei nº. 5.894, de 20/10/1943. Código de Caça. Disponível em:

<<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5894-20-outubro-1943-415862-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO. Disponível em:

<<http://www.camarsaoleopoldo.rs.gov.br/>>. Acesso em 26 de outubro de 2010.

CARNEIRO E A MEMÓRIA DE ROESSLER. Disponível em: <<http://www.agapan.org.br/>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.

FEPAM. Institucional. Disponível em: <<http://www.fepam.rs.gov.br/institucional/institucional.asp>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2010.

NOVO HAMBURGO. Lei Municipal nº 20/90, de 03 de abril de 1990. Denomina “Henrique Luís Roessler” [sic] a área do “Parcão”. Disponível em: <[http://sapl.camaranh.rs.gov.br/sapl\\_documentos/norma\\_juridica/3304\\_texto\\_integral.pdf?ext=1](http://sapl.camaranh.rs.gov.br/sapl_documentos/norma_juridica/3304_texto_integral.pdf?ext=1)>. Acesso em 04 de fevereiro de 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO. Celebração do Dia do Rio dos Sinos. Disponível em: <[http://www.saoleopoldo.rs.gov.br/home/show\\_page.asp?id\\_SHOW\\_noticia=6465&user=&id\\_CONTEUDO=&codID\\_CAT=2&imgCAT=tema\\_prefeitura.jpg&categoria=Not%EDcias](http://www.saoleopoldo.rs.gov.br/home/show_page.asp?id_SHOW_noticia=6465&user=&id_CONTEUDO=&codID_CAT=2&imgCAT=tema_prefeitura.jpg&categoria=Not%EDcias)>. Acesso em 03 de fevereiro de 2010.

VS Online. Edição de 23 de março de 2009. Disponível em: <[www.jornalvs.com.br](http://www.jornalvs.com.br)>. Acesso em 25 de março de 2009.

## REFERÊNCIAS

BREFFÉ, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora, ou o historiador da memória (Entrevista com Pierre Nora). **História Social**. Revista da Pós-Graduação em História IFCH/UNICAMP. Campinas: UNICAMP, nº 6, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, nº 10, dez. 1993.

NORA, Pierre. La loi de la mémoire. **Le Débat**: histoire, politique, société. Paris, Gallimard, nº 78, janvier-février, 1994.

PEREIRA, Elenita Malta. “Defendamos a natureza!”: A retórica de Henrique Luiz Roessler. **Veredas da História**, Rio de Janeiro, ano III, edição 2, 2011. Disponível em: <<http://www.veredasdahistoria.com>>.

PEREIRA, Elenita Malta. **Um protetor da natureza: Trajetória e Memória de Henrique Luiz Roessler**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2011.

PEREIRA, Elenita M., WEBER, Regina. Roessler vs. Bird Hunters: Passarinhada and ethnic conflicts in the South of Brazil”. **Miradas en Movimiento**. Buenos Aires, Argentina. Special Volume Naturally Immigrants, p.98-124, jan - 2012. Disponível em: <<http://espaciodeestudiosmigratorios.org/volumen-especial>>.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROESSLER, Henrique Luiz. **O Rio Grande do Sul e a Ecologia** – Crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1986.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. **História e memória do ambientalismo no Vale do Rio dos Sinos**. Dissertação (Mestrado em História). São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História Unisinos, 2007.

VALENSI, Lucette. Histoire nationale, histoire monumentale: Les Lieux de mémoire (note critique). **Annales HSS**, novembre-décembre, nº 6, 1995.